

Resenha

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.45581>

História mínima das direitas latino-americanas

A brief history of the latin american right

Historia mínima de las derechas latinoamericanas

Milton Ferreira Lima dos Santos¹

<https://orcid.org/0009-0002-5601-3305>

Resenha do livro: Bohoslavsky, Ernesto. *Historia mínima de las derechas latinoamericanas*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2023.

Como citar esta resenha:

Santos, Milton Ferreira Lima dos. “Resenha do livro: Historia mínima de las derechas latinoamericanas, de Ernesto Bohoslavsky”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 1 (2025): 299-303.

A produção historiográfica de Ernesto Bohoslavsky sobre as direitas na América Latina voltou-se expressivamente para a segunda metade do século XX. No entanto, na obra *Historia mínima de las derechas latinoamericanas*, as investigações direcionam o historiador também para o século XIX, com o objetivo de compreender as características da estruturação desse segmento político, mas também apresenta como novidade o estudo desse segmento político no século XXI.

De acordo com a historiadora Olga Echeverría (2016), a pesquisa de Ernesto Bohoslavsky está concentrada no estudo das direitas latino-americanas. Tal trabalho tem como característica a perspectiva da pluralidade das direitas. Em 2023, duas obras organizadas pelo historiador, *Circule*

¹ Pesquisador no Grupo de Estudos sobre as Direitas José Luis Romero, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dicionário Historiográfico dos Fascismos e seus conflitos — 1922/2023 (no prelo). Verbete: Direitas políticas e fascismo. miltonsociologo@yahoo.com

pela direita: percepções, redes e contatos entre as direitas sul-americanas, 1917-1973 e Pensar as direitas na América Latina, reforçam as palavras de Olga Echeverría (Echeverría 2016; Bohoslavsky, Sá Motta e Boisard 2023).

Na introdução da obra *Historia mínima de las derechas latinoamericanas*, Ernesto Bohoslavsky indica que o estudo das direitas na América Latina passa por um processo de renovação e ampliação. Em suas palavras, o livro foi pensado para um público geral e não somente para um público especializado. Ao tomar contato com esse escrito, o leitor deve notar que Ernesto Bohoslavsky pode ser comparado a Fernand Braudel, uma vez que nesta obra o historiador faz uma cartografia das direitas na América Latina na curta, média e longa duração (Braudel 1965).

Para o autor, são importantes as perguntas: quais mensagens e símbolos que se utilizam as direitas para se aproximarem de setores distantes da elite? Quais os níveis de autoritarismo legitimados e usados para desincentivar outras identidades políticas alternativas (operarismo, internacionalismo, anarquismo, populismo, zapatismo, marxismo, chavismo etc.)? Que outros discursos e formas de assistência chegam aos setores subalternos através das forças de direita? Os setores populares têm boa aceitação para esses discursos de organizações de direita? (Bohoslavsky 2023, 18).

Historia mínima de las derechas latinoamericanas está estruturado em seis capítulos, nos quais o autor apresenta cada capítulo dividido em três blocos. Ernesto Bohoslavsky destaca, no primeiro capítulo, as direitas liberais e conservadoras na América Latina, sendo, para o autor, o Brasil um caso interessante para conhecer, já que a Velha República (1889-1930) ganhou destaque com poderes locais e provinciais. Nesse período, nota o historiador um outro momento importante no livro, quando a Espanha perde a presença colonial que ainda lhe restava, a partir de 1898, quando testemunhou a independência de Cuba e Porto Rico. O debate político com os atores direitistas, por meio de ações reacionárias, sonhava com a “Reconquista da Península Ibérica”, porém, desta vez, eles vislumbravam algo menos violento e mais consensual, ou seja, uma missão espiritual (Bohoslavsky 2023, 34).

No que remete à América espanhola, o livro discute nesse período a invasão napoleônica à Espanha em 1808. O impacto foi significativo, de modo que conduziu as antigas colônias ao processo de independência, nas décadas de 1810 e 1820. As novas repúblicas passaram por intensos conflitos políticos e guerras civis, “como a União dos Povos Livres (1814-1820), a República de Tucuman (1819-1821), A Grande Colômbia (1821-1831), A Confederação Peruano-Boliviana (1836-1839) ou a República Federal do Centro-América (1824-1839)” (Bohoslavsky 2023, 35).

De forma muito bem amparada no hispanismo posterior a 1898, as forças liberais e conservadoras, por exemplo, foram contra o cosmopolitismo e o cientificismo tendo “um tom menos biologista e mais culturalista, e se orientava contra os indígenas e os afrodescendentes mais

que contra os imigrantes ultramarinos”. Segundo o autor havia um “tom pessimista e anti-evolucionista que se enfurecia contra a modernização cultural, onde se temia a perda das tradições pátrias e das hierarquias naturais” (Bohoslavsky 2023, 46).

O segundo capítulo ressalta o “medo vermelho (1918-1929) que remete os surgimentos de novas formas de direitas antiliberais” (Bohoslavsky 2023, 70). Bohoslavsky inicia-o tratando das eleições presidenciais no Chile de 1920. Os conflitos políticos expostos neste capítulo destacam traços das direitas latino-americanas no período após a Primeira Guerra Mundial, com leituras conspiratórias sobre o conflito social e uma tensão sobre grupos considerados subversivos.

No Chile, integrantes das ligas patrióticas se mobilizaram, e foram às ruas para denunciar os “inimigos internos”. Um evento importante nesse contexto, destaca o historiador, foi conhecido como “a guerra de don Ladislao”. Militares do país se mobilizaram ao norte com a suspeita de que Peru e Bolívia poderiam invadir aquela região e recuperar territórios que haviam perdido na Guerra do Pacífico. Sindicatos e a Federação de Estudantes do Chile foram contra o envio dos militares. No segundo bloco, Bohoslavsky busca apresentar a circulação das ideologias numa perspectiva transnacional. A questão cultural surge como uma grande vitrine, sendo relevante para o autor, desde “a emergência de uma nova geração forjada em plena crise socioeconômica até a expansão do fascismo na Europa e na América” (Bohoslavsky 2023, 30).

O terceiro capítulo é voltado para discutir a Era do Fascismo. Bohoslavsky discorre sobre grandes forças políticas, principalmente “as direitas, que se viram forçadas a definir-se sobre a Guerra Espanhola”. O conflito ideológico colocava em pauta “qual era o papel das democracias ocidentais”. Essa nova força estava convencida de que era preciso renovar nos anos de 1930. O autor destaca um grande movimento de reações autoritárias de 1930-1945. Valia-se tal movimento de golpe de Estado ou de um levante civil-militar (Bohoslavsky 2023, 31).

As reações autoritárias ganham destaques pelo historiador entre 1930 e 1937 na “Argentina, Brasil, Guatemala, Peru, Chile, Uruguai, Cuba e Bolívia”. Esse processo, de golpes ou insurreições, voltou acontecer nos anos de 1960, com a mítica tônica dada por seus propagadores, que os chamavam de “revoluções”. Destaca o autor: “os regimes do general Urriburu na Argentina (líder da Revolução de Setembro de 1930 e ditador até 1932); de Sánchez Cerro (1930-1931) e de Oscar Benavides (1936-1939) no Peru” (Bohoslavsky 2023, 33).

O quarto capítulo remete para o recorte historiográfico de 1946-1964. Os primeiros 20 anos de Guerra Fria na América Latina, o problema do desenvolvimento e a agenda anticomunista se colocaram no centro das preocupações políticas nacionais. No terceiro bloco, Bohoslavsky procura associar os discursos públicos com as práticas políticas. Desse modo, investiga os escritos em periódicos e sua circulação, que passa também pela organização das massas, ideias, teorias e

conceitos. Esse aspecto, entre os discursos públicos e práticas políticas, vem atualizar diversos de seus estudos, além de ampliar seu alcance nos estudos das direitas latino-americanas.

O quinto capítulo está concentrado no estudo das forças de direita e nas ditaduras. Nas palavras do historiador, o Brasil depois do golpe de 1964 serviu de força estimulante para que outros países programassem a Doutrina de Segurança Nacional na América Central e do Sul. Esses regimes autoritários perseguiram indivíduos nas escolas, nas fábricas, no campo e nas universidades.

O sexto capítulo é dedicado ao período posterior aos regimes militares e início das instituições democráticas. Nesse período um evento marcante foi visto na queda do muro de Berlim. As direitas neoliberais durante a década de 1990 dedicaram-se à agenda pró-mercado com a modernização econômica que “obteve um grande trunfo sobre seus adversários” (Bohoslavsky 2023, 34).

De modo geral, a obra entrega uma história mínima das direitas na América Latina. O público, ao ler o livro, também encontra referências aos intelectuais da direita latino-americana e seus atores em partidos políticos, ligados a bandas armadas e parapoliciais, ou até mesmo “os esquadrões de morte em El Salvador ou a Liga Patriótica da Argentina, criada em 1919” (Bohoslavsky 2023, 19).

Nota-se em História mínima das direitas latino-americanas que Ernesto Bohoslavsky procura deixar claro que, embora o espectro político das direitas colecionasse inimigos, “nenhum teve tanto peso como o Comunismo” (Bohoslavsky 2023, 20).

De acordo com o autor, um tema que merece atenção quando remete ao processo histórico das direitas latino-americanas é o nacionalismo. Nesse sentido, Bohoslavsky alerta que militares com ímpeto à ideologia de esquerda também foram vistos no continente latino-americano como “Luís Carlos Prestes, Hugo Chaves, Líber Seregni, Lázaro Cárdenas e Juan Velasco Alvarado”. O autor procura com esses elementos ideológicos enfatizar que “nacionalismo, militarismo, autoritarismo” não devem ser traços exclusivos da direita e sim de diversas correntes ideológicas (Bohoslavsky 2023, 13).

A partir de alguns traços ideológicos das direitas na América Latina, Bohoslavsky tem como referências diversos autores, tais como Roger Eatwell, Norberto Bobbio e Barry Cannon. O estudo de Cannon sobre as direitas latino-americanas notou uma característica particular, que dialogava diretamente com Bobbio que havia notado o anti-igualitarismo, tal característica particular apresentava uma ideologia voltada aos “interesses da elite” (Bohoslavsky 2023, 16).

Sobre os intelectuais e a imprensa, Bohoslavsky refere-se a diversos periódicos que circulavam em diferentes períodos, por exemplo, “El Debate (1927-1930) da Colômbia e a revista Tizona no Chile, circulando entre as décadas de 1960 e 1970” (Bohoslavsky, 2023, 27). O autor faz

menção aos serviços de espionagem da polícia política, como a “Diretoria de Inteligência da Polícia da Província de Buenos Aires (DIPPBA), o DEOPS brasileiro, o Serviço de Inteligência e Ligação (SIE) uruguaio - mais tarde a Direção Nacional de Informação e Inteligência (DNII) - ou a Direção Federal de Segurança (DFS) do México” (Bohoslavsky 2023, 22).

Assim que os temas são refletidos nas recorrências, novidades e rupturas, no processo histórico, de curta, média e longa duração, os leitores podem encontrar outros temas discutidos no livro: a propriedade privada no século XIX e a expansão do capitalismo rural, uma discussão na América Latina sobre a privatização e a concentração da propriedade da terra, como também a redução das comunidades indígenas até o debate do desenvolvimento na identidade nacional.

Portanto, o livro de Ernesto Bohoslavsky, *Historia mínima de las derechas latinoamericanas*, se destaca pela comparação histórica retomando diversos autores que estudam as direitas na região. Do passado ao presente, o historiador mergulha em períodos entre guerras nos países do Cone Sul e amplia seus estudos para América Central. Acena sua entrada no século XXI, que parece ser uma novidade na obra, dando a entender que seus estudos podem voltar-se ao período conhecido como onda rosa, no início dos anos 2000. O autor ainda traz elementos para discussão dos novos movimentos, como trumpismo e bolsonarismo. Indica que, embora haja novas pesquisas com as redes sociais e as *fake news* no estudo das direitas, é promissor o estudo da própria extrema-direita, que ressurge na conjuntura latino-americana. Tanto a Argentina, recentemente com a eleição de Javier Milei, quanto o Brasil de Jair Bolsonaro, acenam para a importância do estudo das direitas. Do passado ao presente, os estudos das ditaduras, redes de *think tanks*, igrejas pentecostais, forças armadas e golpes militares, fascismos, neoliberalismos e autoritarismos, continuam necessários para o debate das direitas na América Latina.

Referências Bibliográficas:

Bohoslavsky, Ernesto, Rodrigo Sá Motta, e Stéphane Boisard. *Circule pela direita: percepções, redes e contatos entre as direitas sul-americanas, 1917-1973*. Maringá: Eduem, 2023.

Braudel, Fernand. “História e Ciências Sociais: a longa duração”. *Revista de História*, 30, n. 62 (1965): 261-294.

Echeverría, Olga. “Los estudios sobre las derechas argentinas y rioplatenses del siglo XX. Balances, preguntas y perspectivas de análisis”. Em *Las derechas en el Cono Sur, siglo XX. Actas del VII Taller de discusión*, org. Ernesto Bohoslavsky, Magdalena Broquetas e Olga Echeverría, 148-162. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

Recebido: 13 de agosto de 2024

Aprovado: 11 de maio de 2025